



O PAPEL DA FAMÍLIA NO DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DE PSICOPATOLOGIAS EM CRIANÇAS

NEIDJA CRISTINE SILVESTRE LEITÃO; JÚLIA TAINÁ BALÃ; DANILO AUGUSTO BLANCO DOS SANTOS

RESUMO

Ao longo das últimas décadas, tem-se observado um incremento significativo na percepção acerca do papel que o ambiente doméstico desempenha na estruturação psicológica em formação das crianças. Diversas práticas terapêuticas tem auxiliado e se mostram eficazes quanto a participação ativa de familiares na redução de psicopatologias infantis. Estudos mostram como a terapia familiar torna-se recurso valioso nas questões emocionais e comportamentais, simultaneamente reforçando os vínculos e fomentando um ambiente de sustentação estruturado. O objetivo deste estudo de revisão integrativa almeja uma exploração crítica da literatura existente, acerca do papel desempenhado pela família, na identificação e no tratamento de psicopatologias na infância. O propósito é oferecer uma análise contemporânea que possa enriquecer a compreensão e o aperfeiçoamento das práticas clínicas e das intervenções direcionadas ao bem-estar infantil. A metodologia aplicada foi de revisão bibliográfica, com busca em base de dados reconhecidas, como a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), compondo-se também de livros especializados no assunto. Dentre os achados destaca-se a imperiosidade de métodos individualizados que ponderem as necessidades particulares de cada núcleo familiar, apontando para a eficácia de programas que incluam treinamento parental, terapia familiar sistêmica, e intervenções focadas no fortalecimento de redes de apoio social. Conclui-se que um estreito diálogo entre especialistas em saúde mental e famílias no trato das psicopatologias é essencial. Ao acolher e valorizar o papel preponderante da família no continuum diagnóstico e terapêutico, abre-se o leque para intervenções mais efetivas, que não apenas cultivem o desenvolvimento hígido, mas a resiliência emocional nos jovens.

Palavras-chave: Desenvolvimento cognitivo; Desenvolvimento infantil; Saúde mental da criança; Transtornos mentais.

1 INTRODUÇÃO

A identificação e a abordagem terapêutica de psicopatologias incipientes no universo infantil constituem desafios de grande complexidade, que se impõem tanto aos especialistas em saúde mental quanto aos núcleos familiares. Ao longo das últimas décadas, tem-se observado um incremento significativo na percepção acerca do papel preponderante que o ambiente doméstico desempenha no arcabouço psicológico em formação das crianças. Conforme elucidado por Perry e Szalavitz (2017), "as vicissitudes vivenciadas durante a infância exercem uma influência marcante sobre a arquitetura cerebral e podem repercutir no equilíbrio emocional do indivíduo ao longo de toda a sua existência". Nessa perspectiva, torna-se imprescindível a compreensão da família não somente como um bastião de apoio, mas também como um vetor de influência significativa na eclosão e no manejo das patologias psíquicas na infância.

Miller (2007) enfatiza a imperatividade de uma vigilância meticulosa sobre o legado emocional oculto, oriundo de traumas na infância, bem como sua interseção com as complexas

dinâmicas intrafamiliares. A unidade familiar, como alicerce primordial da sociedade, detém uma posição de destaque no fornecimento de apoio emocional essencial e na criação de um ambiente que favoreça o desenvolvimento íntegro e salutar do indivíduo em formação. No entanto, Napeir e Whitaker (2016) argumentam que, sob certas condições, as dinâmicas internas da família podem atuar como agentes precipitadores ou intensificadores de patologias psíquicas durante a infância.

A escrutinação detalhada do microcosmo doméstico ascende à condição de elemento sine qua non para a cartografia dos vetores de risco e salvaguarda que exercem influência preponderante no arcabouço evolutivo do ser nascente. A exegese de Fu-I (2004) ilumina, com perspicácia, a importância suprema de um reconhecimento diagnóstico precípito, aliado a um suporte familiar robusto, na condução terapêutica de patologias específicas, com destaque para o transtorno afetivo bipolar na tessitura da infância. Paralelamente, a investigação conduzida por Siegel e Hartzell (2018) desvela os meandros pelos quais a introspecção e a sagacidade parental podem, de modo inexorável, influenciar a harmonia emocional da prole, insurgindo a preeminência de modalidades terapêuticas de índole holística. Estas últimas transcendem a mera focalização no ente em maturação, estendendo seus tentáculos até o seio do contexto familiar envolvente, numa abordagem que preconiza a integralidade e a interdependência entre o indivíduo e seu habitat imediato como pilares para o tratamento eficaz das vicissitudes psíquicas na infância.

Diante dessa conjuntura, o presente estudo de revisão integrativa almeja uma exploração crítica da literatura existente acerca do papel desempenhado pela família na identificação e no tratamento de psicopatologias na infância. O propósito é oferecer uma análise detalhada e contemporânea que possa enriquecer a compreensão e o aperfeiçoamento das práticas clínicas e das intervenções direcionadas ao fomento do bem-estar infantil.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Para elaboração deste artigo, foi utilizada a metodologia de revisão bibliográfica, buscando referências já publicadas, interpretando suas contribuições científicas. Dessa forma, pautou-se em compreender de maneira abrangente o papel da família no diagnóstico e tratamento de psicopatologias em crianças. Foi então realizado levantamento bibliográfico em livros de autores renomados e banco de dados científico utilizando-se da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), com artigos críticos à respeito, para garantir a atualidade e relevância das informações coletadas. Posteriormente, procedeu-se à análise crítica dos estudos selecionados, com especial atenção às evidências sobre como experiências familiares adversas, como abuso, negligência e disfunção, podem contribuir para o surgimento ou agravamento de problemas psicológicos nas crianças, além de explorar as diferentes abordagens terapêuticas e intervenções familiares utilizadas no tratamento de psicopatologias infantis. A busca em base de dados foi iniciada com os descritores “família”; “diagnósticos e tratamentos”; “psicopatologias na infância” – utilizando-se a expressão booleana AND. Como critérios de inclusão adotou-se; texto completo, foco principal na saúde da criança, textos em português e últimos dez anos de publicação. Para exclusão optou-se por eliminar teses de mestrado e doutorado, além de textos fora do contexto familiar.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percepções profundas acerca do papel instrumental da família tanto na identificação quanto na cura de psicopatologias nascentes em menores foram observados dentre as referências científicas pesquisadas. Inicialmente, foi desencadeada uma compreensão mais abissal das dinâmicas familiares, identificadas como vetores tanto de risco quanto de salvaguarda para o equilíbrio mental infantil. Verificou-se que vivências familiares desfavoráveis, tais como dissensões parentais, abusos físicos ou emocionais e desatenção, estão

intrinsecamente ligadas ao surgimento de distúrbios psicológicos nos jovens. Conforme elucidado por Miller (2007), o seio familiar pode alternadamente servir como um solo propício ao desenvolvimento emocional ou como um campo adverso propulsor de distúrbios psíquicos.

Napeir e Whitaker (2016), discorrem sobre como a terapia familiar emerge como um recurso valioso no enfrentamento de questões emocionais e comportamentais dos infantes, simultaneamente reforçando os vínculos familiares e fomentando um ambiente de sustentação. Contudo, os achados também ressaltam a imperiosidade de métodos individualizados que ponderem as necessidades particulares de cada núcleo familiar e criança.

A influência parental, também foi ponto de destaque no diagnóstico precoce e na aderência ao tratamento. Fu-I (2004) sublinha a importância do amparo e compreensão parentais no gerenciamento de transtornos específicos, a exemplo do transtorno bipolar na infância. Além disso, Siegel e Hartzell (2018) debatem como o autoconhecimento parental pode afetar diretamente a saúde emocional dos filhos, evidenciando a necessidade de estratégias holísticas que englobem não somente a criança, mas toda a dinâmica familiar. Intervenções familiares exitosas não se limitam ao tratamento dos sintomas infantis, mas também amplificam a resiliência do núcleo familiar como um todo. Hoffman et al. (2018) destaca a importância do apego seguro na parentalidade para o florescimento emocional dos pequenos, enquanto Greene (2016) propõe uma abordagem inovadora para a compreensão e manejo de comportamentos explosivos em crianças, reconhecendo a influência do contexto familiar.

Tais descobertas portam implicações significativas para a prática clínica, pontuando a necessidade premente de uma abordagem holística e centrada na família para nutrir o bem-estar emocional e mental dos jovens. Assim, a capacidade de cada família em prover um ambiente seguro, estável e enriquecedor é fundamental para o desenvolvimento saudável da criança e para a prevenção ou mitigação de psicopatologias. A literatura sugere que a inclusão de familiares no processo terapêutico não apenas facilita a compreensão e o manejo dos desafios psicológicos enfrentados pelas crianças, mas também promove a cura e a adaptação de toda a unidade familiar.

A prática clínica, deve transcender a tradicional focalização na criança como unidade isolada de tratamento e expandir-se para abraçar uma perspectiva mais abrangente que reconhece e integra a complexidade das dinâmicas familiares. Isso implica em um deslocamento paradigmático, no qual profissionais de saúde mental são chamados a desenvolver competências e sensibilidades que lhes permitam engajar efetivamente com famílias, compreendendo suas estruturas, valores, desafios e recursos.

A implementação de programas de intervenção precoce, que visem não apenas a criança mas também seus cuidadores e o ambiente familiar como um todo, emerge como uma estratégia promissora. Tais programas podem incluir treinamento parental, terapia familiar sistêmica, e intervenções focadas no fortalecimento de redes de apoio social e comunitário. O objetivo é duplo: aliviar os sintomas psicopatológicos na criança e promover uma estrutura familiar que sustente o desenvolvimento emocional e psicológico saudável.

Além disso, uma abordagem interdisciplinar na avaliação e tratamento de psicopatologias infantis seria agregador, envolvendo profissionais de áreas como psicologia, psiquiatria, pediatria, trabalho social, e educação. A colaboração entre diferentes especialistas enriquecerá a compreensão dos casos e ampliará as possibilidades de intervenção, garantindo que as necessidades complexas das crianças e suas famílias sejam atendidas de maneira integral e personalizada.

Os insights enfatizam a necessidade de uma mudança cultural na forma como a sociedade enxerga e aborda a saúde mental infantil. Reconhecer a família não apenas como contexto, mas como parceira ativa no processo terapêutico, requer a adoção de políticas públicas que promovam o acesso a serviços de saúde mental familiarmente inclusivos e que estejam fundamentados em uma compreensão profunda das dinâmicas familiares e seu impacto

no bem-estar das crianças. Portanto, cabe uma reflexão crítica sobre as práticas atuais e a busca por abordagens mais eficazes e compassivas que reconheçam a centralidade da família no desenvolvimento e na recuperação psicológica das crianças.

Um detalhamento e análise dos dados coletados nesta pesquisa apontou uma gama de diversidades que demonstram o papel relevante da família no diagnóstico e tratamento de psicopatologias na infância. Por meio de uma investigação realizada por Siegel e Hartzell (2018), foi possível vislumbrar que as dinâmicas familiares promovem um impacto considerável tanto na manifestação quanto no manejo de problemas psicológicos durante os anos formativos das crianças. Experiências adversas no contexto familiar, tais como abuso, negligência e disfunção, emergiram como elementos de risco preponderantes, ressaltando a complexa interação entre o ambiente doméstico e a saúde mental infantil.

Segundo alguns pesquisadores, o ambiente familiar no qual predomine o acolhimento e suporte, tende a funcionar como promotor da saúde emocional das crianças. Esta constatação reforça a necessidade de intervenções que não apenas abordem os sintomas psicopatológicos na criança, mas que também envolvam e fortaleçam o núcleo familiar como um todo (Hoffman et al., 2018).

Há que se considerar, que o envolvimento dos pais e cuidadores no processo de diagnóstico precoce, apoio emocional e adesão ao tratamento é de extrema importância. Para Hoffman et al (2018), a participação ativa dos progenitores pode influenciar significativamente os resultados terapêuticos e a resiliência das crianças, sublinhando a preeminência de estratégias terapêuticas que abracem as singularidades de cada núcleo familiar e de seus membros mais jovens. Para as necessidades particulares de cada um desses núcleos se faz necessário programas que incluam treinamento parental, terapia familiar sistêmica, e intervenções focadas no fortalecimento de redes de apoio social e comunitário (Greene, 2016).

Por fim, cabe ressaltar a necessidade de uma mudança cultural na forma como a sociedade enxerga e aborda a saúde mental infantil, reconhecendo a família não apenas como contexto, mas como parceira ativa no processo terapêutico. Segundo Siegel e Bryson (2016), relatam que tal perspectiva requer a adoção de políticas públicas que promovam o acesso a serviços de saúde mental familiarmente inclusivos e que estejam fundamentados em uma compreensão profunda das dinâmicas familiares e seu impacto no bem-estar das crianças.

4 CONCLUSÃO

A presente revisão bibliográfica iluminou o papel fundamental que a estrutura familiar desempenha tanto no diagnóstico quanto no tratamento de psicopatologias na infância. Uma análise dos compêndios literários evidenciou que as dinâmicas inerentes ao seio familiar exercem um impacto considerável no brotar e na expressão de transtornos psicológicos durante os anos iniciais. Vivências adversas no contexto familiar emergem como elementos de risco preponderantes, ao passo que um ambiente doméstico que se pauta pela acolhida e pelo suporte tende a ser um estimulador da saúde emocional.

Os achados desta análise sublinham a preeminência de estratégias terapêuticas que abracem as singularidades de cada núcleo familiar e de seus membros mais jovens. Intervenções estrategicamente desenhadas para cimentar os vínculos familiares, fomentar o desenvolvimento de um apego seguro e incitar a participação ativa dos progenitores no itinerário terapêutico demonstraram ser notavelmente profícuas na salvaguarda do bem-estar dos infantes. Destarte, impera a necessidade de que a praxis clínica se oriente por uma perspectiva centrada na família, como garantia de desfechos terapêuticos auspiciosos.

Nesta vertente, conclui-se que um estreito diálogo entre especialistas em saúde mental e as famílias no trato das psicopatologias na infância é essencial. Ao acolher e valorizar o papel preponderante da família no continuum diagnóstico e terapêutico, abre-se o leque para a concepção de intervenções mais efetivas, que não apenas cultivem o desenvolvimento hígido,

mas também a resiliência emocional nos jovens. Assim, o investimento na saúde emocional e no robustecimento dos laços familiares ascende como um pilar essencial para o bem-estar das futuras gerações.

REFERÊNCIAS

Fu-I, L.. **Transtorno afetivo bipolar na infância e na adolescência**. Brazilian Journal of Psychiatry, 2004, 26(1), 22–26. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462004000700006>

Greene, R. W.. **A criança explosiva: uma nova abordagem para entender e criar crianças facilmente frustradas e cronicamente inflexíveis**. 5ª ed.. São Paulo: Editora Aleph, 2016.

Hoffman, K.; Cooper, G.; Powell, B.; Benton, C.M.; Siegel, D.J.. **Raising a secure child: How Circle of Security parenting can help you nurture your child's attachment, emotional resilience, and freedom to explore**. Guilford Publications, 2017.

Miller, A. **O drama da criança bem-dotada: o legado emocional não resolvido do trauma infantil**. 71ª ed.. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

Napeir, A. Y.; Whitaker, C. **O caldeirão familiar: a experiência intensa da terapia familiar**. 5ª ed.. Porto Alegre: Artmed, 2016. ISBN: 978-8536325060.

Neufeld, G.; Maté, G.. **Seu filho precisa de si**. Editora Presença, 2015.

Perry, B. D.; Szalavitz, M.. **O menino que foi criado como um cachorro: e outras histórias da caderneta de um psiquiatra infantil**. 1ª ed.. São Paulo: Fontanar, 2017.

Siegel, D. J.; Bryson, T. P.. **O cérebro da criança: 12 estratégias revolucionárias para nutrir a mente em desenvolvimento do seu filho**. 1ª ed. São Paulo: Sextante, 2012.

Siegel, D. J.; Bryson, T. P. **Disciplina sem drama: Para pais e filhos conectados e felizes**. Editora nVersos, 2016.

Siegel, D. J.; Hartzell, M.. **Parentalidade Consciente: Como o autoconhecimento nos ajuda a criar nossos filhos**. 10ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 2018.